

A escrita do luto em *Hamnet*¹ – clínica e arte na formação do analista

Paula Calado

Resumo

Vivemos tempos sombrios para a psicanálise no Brasil e no mundo. Institutos de formação, tentativas de regulamentação da profissão e a era dos diagnósticos, em que processos psíquicos são patologizados e o sofrimento é inserido em uma lógica de supressão e resolução. Este texto faz parte de uma aposta sobre o papel da arte na formação do analista, abordando a questão do luto na obra cinematográfica *Hamnet: a vida antes de Hamlet*. O filme atravessa as fronteiras da tela e nos permite pensar a clínica do luto de maneira clara, retomando Freud e Lacan, o que prova que parte fundamental da formação do analista é articular a psicanálise com as manifestações artísticas e culturais de sua época. Sabe-se que não é na sala de aula que se forma um analista, mas na articulação das experiências provenientes de sua análise, da formação com seus pares e dos efeitos da arte sobre sua escuta. *Hamnet: a vida antes de Hamlet* nos atravessa sobre o papel da arte no inconsciente e sobre as voltas que os sujeitos dão com o luto, na tela ou no divã.

Palavras-chave:

Psicanálise; Luto; Arte; Formação; Inconsciente.

The writing of mourning in *Hamnet* – clinic and art in the training of the analyst

Abstract

We live in dark times for psychoanalysis in Brazil and worldwide. Training institutes, attempts to regulate the profession, and an era of diagnoses where psychic processes are pathologized and suffering is framed within a logic of suppression and resolution. This text is part of a wager on the role of art in the analyst's training, addressing mourning in the film *Hamnet*. The movie crosses the screen's bounda-

¹ Filme *Hamnet*, cujo título foi traduzido para o português como *Hamnet: a vida antes de Hamlet*. Lançado em 2025, é baseado no romance de Maggie O'Farrel, publicado em 2020.

ries and allows us to think clearly about the clinical treatment of mourning, revisiting Freud and Lacan, proving that a fundamental part of the analyst's formation lies in articulating psychoanalysis with the artistic and cultural manifestations of their time. We know that is not in the classroom that an analyst is formed, but in the articulation of experiences from their own analysis, training with peers, and the effects of art on their listening. *Hamnet* pierces us regarding the role of art in the unconscious and the turns subjects take with mourning, on screen or on the couch.

Keywords:

Psychoanalysis; Mourning; Art; Training; Unconscious.

La escritura del duelo en *Hamnet*: clínica y arte en la formación del analista

Resumen

Vivimos tiempos sombríos para el psicoanálisis en Brasil y en el mundo. Institutos de formación, intentos de regulación de la profesión y una era de diagnósticos, donde los procesos psíquicos son patologizados y el sufrimiento se inserta en una lógica de supresión y resolución. Este texto forma parte de una apuesta sobre el rol del arte en la formación del analista, abordando la cuestión del duelo en la obra cinematográfica *Hamnet*. La película atraviesa las fronteras de la pantalla y nos permite pensar la clínica del duelo de manera clara, retomando a Freud y Lacan, lo que prueba que una parte fundamental de la formación del analista es articular el psicoanálisis con las manifestaciones artísticas y culturales de su época. Sabemos que no es en el aula donde se forma un analista, sino en la articulación de las experiencias provenientes de su análisis, de la formación con sus pares y de los efectos del arte sobre su escucha. *Hamnet* nos atraviesa sobre el papel del arte en el inconsciente y sobre las vueltas que los sujetos dan con el duelo, en la pantalla o en el diván.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Duelo; Arte; Formación; Inconsciente.

L'écriture du deuil dans *Hamnet* : clinique et art dans la formation de l'analyste

Résumé

Nous vivons des temps sombres pour la psychanalyse au Brésil et dans le monde. Institutions de formation, tentatives de réglementation de la profession et une ère

de diagnostics où les processus psychiques sont pathologisés et où la souffrance s'inscrit dans une logique de suppression et de résolution. Ce texte fait partie d'un pari sur le rôle de l'art dans la formation de l'analyste, abordant la question du deuil dans l'œuvre cinématographique *Hamnet*. Le film traverse les frontières de l'écran et nous permet de penser la clinique du deuil de manière claire, en reprenant Freud et Lacan, prouvant qu'une partie fondamentale de la formation de l'analyste consiste à articuler la psychanalyse aux manifestations artistiques et culturelles de son époque. On sait que ce n'est pas dans l'auditoire qu'on forme un analyste, mais dans l'articulation des expériences issues de son analyse personnelle, de la formation avec ses pairs et des effets de l'art sur son écoute. *Hamnet* nous parle du rôle de l'art dans l'inconscient et les détours que les sujets font avec le deuil, à l'écran ou sur le divan.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Deuil ; Art ; Formation ; Inconscient.

Introdução

A escuta do luto permeou a construção da psicanálise como prática, e já interrogava Freud em 1914-1916, quando da publicação da obra *Luto e melancolia*. Quem se dispõe a escutar, pela psicanálise, sabe que o luto atravessa a experiência psicanalítica e que, à medida que o tempo passa, no divã e fora dele, a vida é uma experiência de perdas. Assim, pensar os destinos do luto é uma urgência na formação psicanalítica, é o que nos permite melhor escutar os enlances e desenlances em torno do que se perde. Neste texto, pretende-se que o cinema nos auxilie.

Para Freud, um trabalho psíquico importante acontece, uma vez que um objeto de amor é dado como perdido, e é preciso enlaçar algo que permita o reinvestimento em outros objetos. A psiquiatria tratou de definir fases específicas de elaboração do luto, sendo Elisabeth Kübler-Ross (1996/2017), em *Sobre a morte e o morrer*, frequentemente mencionada para teorizar as fases do adoecimento e/ou do luto, partindo da negação e passando pela raiva, barganha, depressão, para então chegar à aceitação. A complexidade desse modelo é que, apesar de didático, ele pode acabar por criar a ideia de que o luto é linear e que pode ser vivido da mesma maneira por diferentes pessoas. Trabalhar de acordo com a ética da psicanálise é, antes de tudo, escutar a singularidade por detrás de cada perda e de cada caso.

Segundo Dunker (2023), em seu formidável trabalho intitulado *Lutos finitos e infinitos*, o luto poderia ser mais definido como uma “colcha de retalhos”, algo que se constitui pela criação de bordas, uma composição própria de cada sujeito com os farrapos do que se perde. A criação no luto teria, então, papel fundamental, considerando o termo cunhado por Freud: o trabalho do luto. Essa criação é subjetiva, própria a cada enlutado, uma verdadeira bricolagem.

Dunker (2023) também nos lembra que parte do trabalho do luto é o reconhecimento primordial do que se perde no que se perde. Dito isso, a perda de um objeto amado coloca o sujeito em face de sua própria finitude e é também a perda do olhar do outro sobre si. Aquele que morre leva consigo uma parte subjetiva de nós, o que evoca algo da fantasia fundamental diante do desamparo: “pode ele me perder?” (Lacan, 1963-1964/1985, p. 210).

A dita “colcha de retalhos” poderá ser formada a partir desses pedaços, recortes, histórias e memórias com a pessoa que partiu, pela via simbólica. Trata-se de um trabalho que exige tempo para criar tessitura e que pode ser, eventualmente, feito pelo viés da arte. Nesse diálogo, utiliza-se o filme *Hamnet* (2025), para ilustrar como o luto pode ser endereçado na cultura e na arte, e para elucidar uma lindíssima forma de escrita dele.

Ressaltamos também a importância de o analista, em sua formação, estar em contato com as manifestações artísticas de sua época. *Hamnet: a vida antes de Hamlet*, filme indicado ao Oscar em 2026, revela-nos algo sobre a vivência clínica. Além do tripé formativo, parte da formação de um analista reside no que se produz na arte, na literatura e no que elas podem nos ensinar sobre o sofrimento e as soluções de nossos analisandos. Isso prova que o que forma um analista não é algo que se compra ou se adquire com um diploma, mas algo da ordem de uma experiência de corpo e de arte.

***Hamnet* – a história de uma só palavra**

O filme *Hamnet* usa elementos históricos para contar uma história simples, mas que assume um destino totalmente extraordinário pelo que dela se escreve. Trata-se de uma adaptação cinematográfica do romance histórico escrito por Maggie O’Farrell e publicado em 2020. Vencedor do Women’s Prize for Fiction, em 2020, e amplamente aclamado pela crítica, o livro constrói um retrato delicado e comovente de uma união marcada pela perda, de uma família devastada pelo luto e da reconstrução sensível da memória de um menino esquecido pela história, mas eternizado em uma das peças mais célebres de todos os tempos.

Logo na primeira cena, apenas uma tela preta com uma mensagem que surge dizendo que *Hamnet* e *Hamlet* são termos historicamente indissociáveis, deixando claro ao espectador que a linha entre a trama real e o que se produz dela é tênue. *Hamlet* e *Hamnet* são, então, duas histórias que se entrelaçam em uma só palavra. Não à toa, Lacan (1958-1959/2016, p. 317) afirma no *Seminário 6*: “Não sei de nenhum autor que se tenha detido nesta observação difícil de desconsiderar uma vez formulada, de que de uma ponta a outra em *Hamlet* só se fala de luto.”

A história, que na ficção antecede a escrita de *Hamlet*, é de Agnes e William, um jovem casal cuja conexão se estabelece desde o primeiro toque. Dessa união nasceram três filhos. Agnes encarna a força da natureza, a intuição, a presença

visceral da ordem de um saber sobre as ervas e sobre a cura. William é frustrado pelas tentativas de se fazer conhecer por sua produção escrita e por essa razão decide abdicar da vida em família e de uma relação violenta com a figura paterna, para apostar no sucesso profissional na capital inglesa.

O fio condutor da história nos apresenta a vida de mulheres fortes, Agnes e sua sogra, que se ocupam da dinâmica doméstica, de prover e cuidar das crianças. No cenário da Idade Média, a ausência de William se faz intensamente presente, mesmo sendo Londres distante apenas alguns quilômetros da cidade de origem do autor. Agnes vivencia seus partos e puerpérios acompanhada apenas da sogra e de outras mulheres. O ponto decisivo da história se dá quando a peste leva o único filho homem do casal, Hamnet.

A cena da morte é absolutamente dilacerante. Vemos uma mulher que vive o oposto de um parto, a despedida precoce, a sideração. Agnes sofre a partida do filho de forma quase delirante, tentando fazê-lo viver mesmo quando o pior já está escancarado. A cena invade o telespectador; quando o grito rasgante da mãe faz calar a trilha sonora, a sala de cinema fica em silêncio. A diretora, Chloe Zao, nos faz experimentar uma amostra do que é a emergência do Real, o indizível.

A partir desse momento, o luto se instala na frase de William: “o resto é silêncio”. William vive a morte do filho de forma silenciosamente dolorosa, posterior à agonia, passando a um segundo tempo. Ele aposta mais uma vez em sua produção e retorna a Londres, o que causa ódio e frustração em Agnes.

O que se passa na história com a personagem de William é a escrita e a montagem cênica de *Hamlet*, que, como em uma cadeia retroativa, dá sentido *a posteriori* ao acontecimento da morte, representada por uma frase dita em sua despedida de Agnes: “Eu preciso achar Hamnet.” Isso torna, então, esse enredo uma história sobre a escrita do luto que se articula com o que podemos ouvir na clínica.

O que resta é (só) o silêncio?

A magnitude de *Hamnet* se dá ao mostrar que, do horror da morte, é possível fazer algo. Lacan elucida, no *Seminário 6*, que o real imprevisível e sem sentido que toma a cena quando alguém morre descortina a realidade, faz furo no fantasma. Não havendo significante possível capaz de preencher o furo, é necessário um trabalho de criação simbólica.

No caso de *Hamnet*, o personagem de William faz mais do que isso. Ele endereça o luto de maneira a escrevê-lo na cultura, como uma experiência do coletivo (Dunker, 2023). Isso aponta para a capacidade de certas manifestações de enlutamento se tornarem verdadeiras âncoras para o sujeito e criarem laço social.

A cena ápice do filme mostra a peça *Hamlet* sendo encenada, em que o personagem de William finalmente é revelado ao telespectador como sendo William

Shakespeare. Cuidado importante da autora Maggie O'Farrell e da diretora Chloe Zao, ao separar o homem antes e depois da produção, e apontando para o fato de que o Shakespeare que conhecemos se fez um nome através e por meio da tragédia. Em *Hamlet*, o rei morre e o filho deve vingar a morte do pai. William inverte os papéis e morre no lugar do filho, dá a ele o lugar de protagonista na história, presentifica a ausência.

Surge, então, um fenômeno de coletividade, uma história que enlaça e emociona os pagantes. Agnes, maravilhada, é capaz de assistir a sua história ser contada por outra narrativa, reconhecendo ali o sofrimento e a culpa de William por não ter estado ao leito do filho durante sua morte. Como no sonho contado a Freud, do pai que vela o filho morto: “pai, não vês que estou queimando?” (Freud, 1974/2006, p. 587), a figura do menino Hamnet também faz apelo a William, um filho que queima de febre e morre no pecado do pai, a culpa de ter desejado a carreira, a produção, em detrimento da família. Hamlet, ou Hamnet, carrega os pecados do pai.

O final da história é marcado pelo encontro de olhares entre Agnes e William e uma gargalhada libertadora. Isso nos remete à ideia de que o processo de luto demanda uma reparação e ao fato de que o término do luto produz uma sensação de libertação. Tal tipo de reparação requer uma ética específica para ser compreendida, como aponta Dunker (2022).

No luto, a perda do outro implica a queda da função do objeto *a* como causa do desejo, confrontando o sujeito com um resto Real que escapa à simbolização. O trabalho do luto consiste, então, na possibilidade de deslocar esse resto, reinscrevendo-o simbolicamente, condição para que o desejo possa voltar a circular.

O olhar comovido entre William e Agnes evoca a possibilidade de o casal refazer um laço amoroso após a tragédia. Podemos articular a essa cena o conceito de *agalma* no ensino de Lacan, definida no *Seminário 8* como “Jóia, objeto precioso suposto no interior do Outro” (Lacan, 1992, p. 139). Dito isso, o luto toca o modo como o desejo se sustentava naquele brilho, naquele *agalma*, que cai. Não é só da perda do objeto que se trata, mas de quedas também em relações que se dão ao redor de quem se foi. Podemos dizer que algo cai do lugar de objeto agalmático no campo do amor de Agnes e William quando Hamnet morre. No entanto, é por meio da inscrição de um traço simbólico que é possível transformar o estatuto do objeto perdido, fazendo com que ele apareça sob a forma de novos modos de desejar, permitindo que aqueles que ficaram possam investir e criar laços novamente.

Eleva o objeto à dignidade da Coisa, definição de Lacan para a sublimação, no *Seminário 7*, sobre a ética da psicanálise (Lacan, 1959-1960/1997), é o que William consegue fazer por meio da dramaturgia. A sublimação, ao inscrever a perda na ordem simbólica, pode sustentar um desejo menos colado ao objeto perdido, abrindo espaço para novos laços amorosos. É um modo de fazer com o Real da coisa.

Podemos dizer, então, que para William e Agnes é possível, a partir disso, amar de novo. Um destino interessante para o luto, a capacidade de amar e reinvestir novamente, como já evocava Freud em *Luto e melancolia* (Freud, 1914-1916/2010). Algo é passível de “concerto” (de forma ética) na relação deles, ou ainda, “concerto” (de forma estética), ou seja, reunir a capacidade de amar e ser amado, com a satisfação intrínseca obtida no processo (Dunker, 2022).

Quando um trabalho de luto chega a seus termos, o que resta não é apenas o silêncio. O furo do Real pode, pouco a pouco, ser bordeado pelos significantes, costurando memória e dizer. É o que torna possível a saída do silêncio avassalador e a abertura para vias de desejo e de movimento.

Trata-se de uma história que nos mostra o quanto a sétima arte e outros artifícios podem provocar efeitos em quem trabalha com a psicanálise e nos ensinar sobre a clínica. O desafio de nossa época é transmitir uma psicanálise que não se detenha nas escolas e que não seja aprisionada pela academia ou pela ótica neoliberal. A arte e a cultura produzem um saber sobre o sofrimento humano, e este texto é uma aposta nisso.

Hamnet: a vida antes de Hamlet nos ensina que há uma vida antes da obra e uma “vida após a morte”, no sentido de que aqueles que ficam podem, em algum momento, voltar a viver, e que os que se foram podem permanecer vivos nos enlaces do simbólico, da arte e do amor. Que os analistas deixem-se comover, então, com o que a obra ensina.

Referências bibliográficas

- Dunker, C. (2022, 24 de março). Momento estético e o tempo ético da reparação democrática. *Arte! Brasileiros*. Recuperado de <https://artebrasil.com.br/arte/artigo/luto-reparacao/>
- Dunker, C. (2023). *Lutos finitos e infinitos*. São Paulo: Paidós.
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1974)
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud. *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-1916)
- Kübler-Ross, E. (2017). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos...* (10a ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1996)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963-1964)

- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959)
- Zhao, C. (2025). (Diretora). *Hamnet* [filme]. Focus Features/Universal Pictures.

Recebido: 11/02/2026

Aprovado: 05/06/2026